International Journal of Advanced Engineering Research and Science (IJAERS)
Peer-Reviewed Journal
ISSN: 2349-6495(P) | 2456-1908(O)
Vol-9, Issue-10; Oct, 2022
Journal Home Page Available: https://ijaers.com/
Article DOI: https://dx.doi.org/10.22161/ijaers.910.19

The Crisis and Precarious Employment of the Female Proletariat in Brazil Between 2008-2016

A Crise e a Precarização do Emprego do Proletariado Feminino no Brasil Entre 2008-2016

Suzane Rodrigues da Silva

Bacharel em Serviço Social, mestre em Políticas Públicas (UFMA)

Received: 06 Sep 2022,

Received in revised form: 27 Sep 2022,

Accepted: 02 Oct 2022,

Available online: 07 Oct 2022

***Keywords*— Proletariat, Crisis, precariousness, Genre.**

***Palavras-chave*— Proletariado, Crise, Precarização, Gênero.**

***Abstract*— *The crisis of capitalism has as one of its causes the fall in the rate of profit and financial exuberance, and each of these causes affected the employment of the proletariat as a whole, but in this work emphasis was given to the female proletariat. Therefore, the objective of this work is to analyze the precariousness of the employment of the female proletariat in Brazil between 2008-2016 in the context of crisis. This is a bibliographic research, with a qualitative approach, in which books and articles were used as a source, in relation to the articles they were consulted in the brazilian digital library of theses and dissertations and Scielo database. The following inclusion criteria were used: articles available in full published between the years 2002-2019. It is concluded that between the years 2008-2016, the precariousness of employment affected mostly the female proletariat, and that the possible solutions to this problem must go beyond the partial solutions - in terms of public policies - that have been thought up until now, thus necessary to overcome the current political and economic system.*

***Resumo*— *A crise do capitalismo possui como uma de suas causas a queda da taxa de lucro e a exuberância financeira, e cada uma dessas causas afetou o emprego do proletariado como todo, porém nesse trabalho se conferiu ênfase ao proletariado feminino. Logo o objetivo desse trabalho é analisar a precarização do emprego do proletariado feminino no Brasil entre 2008-2016 no contexto de crise. Trata-se de uma pesquisa de natureza bibliográfica, de abordagem qualitativa, na qual se utilizou como fonte livros e artigos, em relação aos artigos eles foram consultados na base de dados da biblioteca digital brasileira de teses e dissertações e Scielo. Foram utilizados os seguintes critérios de inclusão: artigos disponibilizados na integra publicados entre os anos de 2002-2019. Conclui-se que entre os anos de 2008-2016 a precarização do emprego afetou majoritariamente o proletariado feminino, e que as possíveis saídas para essa problemática devem ir além das soluções parciais - em termos de políticas públicas - que até agora foram pensadas, sendo assim necessário a superação do sistema político e econômico vigente.*

I. INTRODUÇÃO

A ideia diretriz desse trabalho foi formulada a partir das contribuições dadas por (Marx, 2017) e atualizadas por (Farias, 2015) sobre a crise e seus rebatimentos sobre o emprego do proletariado feminino, nesse sentido partiu-se do pressuposto de que a crise tem uma causa imediata e uma causa mais profunda, que se exprimem respectivamente por meio da queda na taxa de lucro, exuberância financeira e cada um desses aspectos afetou o emprego (Farias, 2015).

Tendo dito isso, importa colocar que esse trabalho foi dividido em duas partes para além da introdução e conclusão, na primeira parte se trouxe breves considerações sobre a relação entre a causa imediata e mais profunda da crise e os seus rebatimentos sobre a precarização do emprego do proletariado feminino, entende-se que o proletariado é um conjunto heterogêneo, amplo e complexo, composto por homens e mulheres, entre outros sujeitos que constituem as clivagens que configuram a classe trabalhadora (Farias, 2015).

Na segunda parte se apresentou os resultados das discussões realizadas por alguns autores sobre o objeto de estudo dessa pesquisa, a saber: a precarização do emprego do proletariado feminino no Brasil, nesse sentido as análises em referências versaram sobre questões voltadas ao proletariado, gênero, a precarização do emprego e mercado de trabalho.

Em relação ao mercado de trabalho pode-se dizer que ele é um espaço, para o qual os sujeitos recorrem visando a obtenção de recursos monetários, tendo em vista a garantia de sua reprodução social (Antunes & Druck, 2015).

Vale destacar que os sujeitos não se inserem no mercado de trabalho da mesma forma, pois dependendo da relação de trabalho que se submete, eles podem receber diversos tipos de remuneração, o que implica no usufruto de bens e serviços de maneira desigual (Antunes & Druck, 2015).

Assim, o desenvolvimento de pesquisas acadêmicas sobre mercado de trabalho e a precarização do emprego e gênero têm sua relevância, por viabilizar o entendimento de que o proletariado (em sua heterogeneidade) vivencia diferentes formas de desigualdades, e o debate crítico sobre essas desigualdades podem apontar caminhos para a construção de políticas públicas, que possam arrefecê-las, pois no capitalismo as desigualdades nunca serão totalmente eliminadas.

II. METODOLOGIA

Para a realização dessa pesquisa se adotou inicialmente a revisão de literatura, tendo em vista analisar o que diz a literatura em referência, sobre a precarização do emprego do proletariado feminino no Brasil entre 2008-2016.

Nesse sentido, considera-se relevante o que (Lakatos & Markoni, 2010) afirmam sobre a pesquisa bibliográfica, eles afirmam que esse tipo de pesquisa não se limita a uma mera reprodução do que já foi dito ou escrito por outros autores, tendo em si o potencial de abordagem de um mesmo objeto, sob diversas perspectivas, podendo trazer assim conclusões inovadoras.

Para a construção dessa pesquisa foram utilizados como principais fontes 6 livros, 3 artigos e 1 dissertação que atendem aos seguintes critérios: publicações em língua portuguesa dentro do período de 2002-2019, que correspondessem aos descritores desse estudo: crise, gênero, proletariado, precarização. Vale destacar que os autores pesquisados seguem como método de pesquisa o materialismo histórico dialético.

O materialismo histórico dialético foi o método utilizado para construir esse trabalho, o princípio metodológico criado por Marx consiste em analisar a realidade ou objeto dialeticamente, o que implica em partir do imediato para posteriormente analisar o polo abstrato do objeto (Kosik, 1976).

Acrescente-se ainda que não é o pesquisador que cria o objeto, pois a existência do mesmo independe da consciência do pesquisador sobre ele, nesse sentido o objeto é real e histórico. A historicidade é um aspecto sempre presente na relação entre pesquisador e objeto nas ciências sociais, pois o recorte feito em relação á um determinado objeto sempre é histórico, e por ser histórico é transitório, sendo assim o objeto não existirá para sempre nas mesmas configurações, sendo influenciado também, por condições da dinâmica de acumulação capitalista e crise.

Dessa forma, o objeto de estudo dessa pesquisa, a saber: a precarização do emprego do proletariado feminino no Brasil, já existia muito antes do pesquisador percebê-lo enquanto tal, e a dinâmica de acumulação capitalista no período abordado (2008-2016) influenciou os níveis de emprego/desemprego, e de precarização do emprego que atingiram o proletariado feminino brasileiro, sendo assim foi possível se observar , que a dinâmica de acumulação capitalista reconfigurou as condições de trabalho do sujeito dessa pesquisa, piorando as suas condições de existência objetivas.

Por outro lado, em relação á abordagem da pesquisa, ela foi qualitativa, a pesquisa qualitativa permite o estabelecimento de uma conexão com o mundo real e os sujeitos pesquisados, além disso esse tipo de abordagem é fundamentalmente interpretativa, o que inclui a coleta e análise de dados sobre um objeto, bem como a identificação de determinadas categorias e a análise de seu significado, para assim se construir interpretações que não se esgotam em si mesmas (Creswel, 2007).

Nesse trabalho, a pesquisa qualitativa foi utilizada em conjunto com fontes censitárias, por serem de grande relevância na leitura ampliada da realidade social.

III. CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE A CRISE E A PRECARIZAÇÃO DO EMPREGO DO PROLETARIADO FEMININO

A crise possui uma causa imediata (queda da taxa de lucro), uma causa mais profunda (produção pela produção), e cada uma delas contribui de certa forma, com o aprofundamento dos níveis de precarização do emprego do proletariado em geral, e do feminino especificamente, níveis esses que já existiam antes da explosão da crise aqui analisada.

Vale ressaltar que a crise não afeta todos os capitalistas da mesma maneira, nesse sentido com a queda da taxa de lucro aumenta a concentração e centralização de capital em benefício dos grandes capitalistas, "(...) o que faz com que a massa dos pequenos capitais fragmentários seja lançada ao acaso: especulação, fraudes creditícias e acionárias, crises (...)" (Marx, 2017, p. 5880).

Sobre a categoria crise não existe uma definição sobre ela nas obras que compõe O Capital, o que existe é uma teoria sobre a crise, que perpassa todas as obras, de forma que a sua compreensão de forma completa, só pode ser feita mediante o entendimento de suas possibilidades mais formais e abstratas até a sua realização concreta (Batista, 2018).

A ocorrência da crise, superprodução de capitais, especulação e a superpopulação relativa é decorrente da perda da eficácia, das causas contrariantes da queda tendencial da taxa de lucro, tais causas são: a elevação do grau de exploração do trabalho, compressão do salário abaixo do seu valor, barateamento e desvalorização dos elementos do capital constante, superpopulação relativa, aumento do capital por ações (Farias, 2015).

Todos esses aspectos contribuem com o aumento dos níveis de precarização do emprego, cujo aprofundamento também é afetado pela causa mais profunda da crise, que se exprime na exuberância financeira (Marx, 2017).

O atual estágio da acumulação capitalista sob o domínio das finanças, só existe por conta do aprofundamento dos níveis de precarização do emprego, que é uma das principais táticas dos capitalistas para gerar excedente, sendo assim a pressão sobre os trabalhadores é intensa, pois se necessita ampliar a produção de mais-valia, por isso se intensifica a exploração sobre o proletariado (Marx, 2017).

Além disso, se faz uso da flexibilização do trabalho, bem como da reestruturação produtiva para ampliar os níveis de exploração sobre os trabalhadores, tendo em vista expandir o trabalho excedente, dessa forma o capital fictício relativamente autonomizado, produz rebatimentos diretos sobre o emprego (Sabadini, 2011).

Tais rebatimentos podem ser compreendidos a luz da concepção marxiana sobre o valor-trabalho, sendo assim se a riqueza é gerada a partir do trabalho, as intervenções das formas autonomizadas do capital fictício na esfera produtiva precisam ocorrer, uma vez que o capital fictício por si só não consegue se valorizar infinitamente sem nenhum tipo de relação com a produção (Marx, 2017).

O que acaba influenciando o aumento da exploração via subcontratação/subutilização da força de trabalho, entre outros fatores que materializam a precarização do emprego. Sobre a taxa de subutilização da força de trabalho no Brasil, sabe-se que ela só passou a ser medida no país a partir de 2012.

A taxa de subutilização é constituída por 3 índices: a) desocupados; b) subocupados - aqueles que trabalham menos de 40 horas por semana, mas desejam trabalhar mais; c) força de trabalho potencial - sujeitos que não procuraram emprego, ou procuraram, mas estavam impossibilitados de trabalhar, a exemplo, de mulheres com filhos pequenos e sem acesso a creches ou outros meios que forneçam cuidados aos seus filhos (IBGE/PNADC, 2016).

Em relação á força de trabalho subutilizada no Brasil no ano de 2016, os homens representavam 17,9% dela e as mulheres 25,3% (IBGE/PNADC, 2016). Em relação à taxa de subocupação em 2016 existiam 4,8 milhões de sujeitos subocupados, e no âmbito desse conjunto as mulheres representavam 52,2%. No terceiro trimestre de 2016, (6,1 milhões) de sujeitos se encontravam fora da força de trabalho, e dessa totalidade as mulheres representavam 60,1% e os homens 39,9% (IBGE/PNADC, 2016).

Já em relação á taxa de desocupação no ano de 2008, as mulheres eram maioria entre a população desocupada em comparação aos homens, a saber, 9,4% e 5% respectivamente. Além disso no período de aprofundamento da crise, que se deu em 2015[1], esse índice foi mais significativo para as mulheres quando comparado a força de trabalho masculina, a saber: 11,6% e 7,7% respectivamente (IPEA, 2015).

Nesse sentido pode-se afirmar que em tempos de crise, o gênero opera como fator de seção de mão de obra, sendo assim nesses períodos as mulheres são afastadas dos postos de trabalho em quantidades muito maiores quando comparadas aos homens. Contudo, seria mais viável para os capitalistas individuais renunciarem o proletariado masculino ao invés do feminino, por causa da desigualdade que já se opera sobre elas. No entanto, a sociedade é perpassada de forma dominante pela ideologia patriarcal, o que acaba influenciando a percepção de que o desemprego feminino é um fator mais aceitável do que o desemprego masculino.

[1] A falta de dados referentes ao ano de 2016, se deu por conta da dificuldade em encontra-los.

IV. RESULTADOS E DISCUSÕES

A partir das considerações gerais realizadas até aqui, neste espaço se trouxe discursões dos resultados provenientes dos referenciais bibliográficos, que versam sobre o objeto de estudo desse trabalho: a precarização do emprego do proletariado feminino no Brasil no contexto de crise. Vale ressaltar que os autores aqui analisados, tecem as suas discussões em coerência com o método utilizado nessa pesquisa, a saber: materialismo histórico dialético. Nesse sentido segue a síntese dos estudos aqui analisados.

TÍTULO DO ARTIGO/LIVRO	TIPO DO ESTUDO	PERIÓDICO/EDITORA	ANO	AUTOR	SÍNTESE DO ESTUDO
A terceirização como regra: a precarização sem limites	Pesquisa qualititativa, natureza bibliográfica, materialismo histórico dialético	O Social em Questão	2015	Ricardo Luís Coltro Antunes; Graça Druck.	O estudo visou trazer uma melhor compreensão da terceirização enquanto expressão da precarização do trabalho, que se intensificou a partir da crise de 2008, fazendo isso a partir de contribuições da sociologia crítica do trabalho.
Dimensões da reestruturação produtiva: ensaios da sociologia do trabalho	Pesquisa qualititativa, natureza bibliográfica, materialismo histórico dialético	Praxis	2007	Giovanni Alves	Essa obra visa estudar a reestruturação produtiva, no âmbito do neoliberalismo, sua relação com a acumulação flexível e seus rebatimentos para a classe trabalhadora.
Perspectivas Sociales y del Empleo en el Mundo: Avance global sobre las tendencias del empleo femenino 2018	Pesquisa quantitativa, de campo.	Organização Internacional do Trabalho	2018	OIT	A publicação faz uma análise sobre o mercado de trabalho a nível mundial com o recorte de gênero, através de uma avaliação quali - quanti, analisando as desigualdades que incidem sobre as mulheres no mercado de trabalho.
Gênero, Divisão Sexual do Trabalho e Serviço Social	Pesquisa qualititativa, natureza bibliográfica, materialismo histórico dialético	Outras expressões	2012	Mirla Cisne	A obra faz menção ao desenvolvimento e emergência do Serviço Social, e os desafios postos a intervenção e formação profissional diante das expressões da questão social, conferindo ênfase as mulheres, no âmbito das relações patriarcais.

O Estado Capitalista Contemporâneo: para a crítica das visões regulacionistas	Pesquisa qualititativa, natureza bibliográfica, materialismo histórico dialético	Cortez	2001	Flávio Bezerra de Farias	A obra tem como objetivo analisar a forma Estado dentro do modo de produção capitalista, e o faz criticando as análises regulacionistas e marxistas de cunho não revolucionário sobre o Estado, defendendo que a atual forma estatal de natureza capitalista deve ser superada, apontando para isso os possíveis caminhos por meio da luta de classes.
Crise global ampulheta fatal	Pesquisa qualititativa, natureza bibliográfica, materialismo histórico dialético	Xamã	2015	Flávio Bezerra de Farias	A obra trata de uma análise concreta da crise do capitalismo global, e o faz a partir da atualização do método materialista histórico dialético, apontando que a superação das crises capitalistas decorrerá, não somente , mais também da superação da forma-Estado capitalista.
O Capital: crítica da economia política: livro terceiro: o processo global da produção capitalista	Pesquisa qualititativa, natureza bibliográfica, materialismo histórico dialético	Boitempo	2017	Karl Marx	A obra sintetiza as análises do livro I e do livro II, fazendo a apresentação do problema da queda da taxa de lucro e da exuberância financeira, além de tratar da crise e das respectivas lutas de classe que a envolve no nível do capital individual e da concorrência.
A mulher na sociedade de classes	Pesquisa qualititativa, natureza bibliográfica, materialismo histórico dialético	Expressão popular	2013	Heleieth Iara Bongiovani Saffioti	A partir da ótica marxiana a obra a analisa as funções desenvolvidas pelas mulheres, e os lugares que elas ocupam nas sociedades ocidentais, chamando atenção para o Brasil, realizando crítica sobre os mitos que cercam o proceder de homens e mulheres na realidade brasileira.
O mundo do trabalho e a crise estrutural do capital	Pesquisa qualititativa, natureza bibliográfica, materialismo histórico dialético	Direito & Praxis	2018		

Considerando a crise como um fenômeno inerente ao Modo de Produção Capitalista, neste trabalho se escolheu estudá-la a partir de alguns volumes que compõe a obra O Capital, a partir dos quais foi possível se compreender que a produção, reprodução e crise são inseparáveis na realidade (Marx, 2017).

A crise no primeiro e no segundo livro de O Capital é analisada como uma potencialidade abstrata, já no livro terceiro a crise é convertida em uma realidade concreta (Antunes, 2002). Nesse sentido, no livro III tratou-se de “(...) descobrir e expor as formas concretas que brotam do *processo de movimento do capital considerado como um todo* (...)” (Marx, 2017, p. 53).

Sendo assim, parte-se do pressuposto de que a crise do capital, como um todo contraditório, na concepção marxista, tem uma causa imediata e uma causa mais profunda, que se exprime respectivamente por meio da queda na taxa de lucro e da exuberância, e cada um desses aspectos afeta o proletariado em suas condições de inserção e permanência no mercado de trabalho, o que engendra níveis diversos de precarização do emprego (Farias, 2015).

Giovanni Alves em sua obra: “dimensões da reestruturação produtiva” afirma que a precarização é uma condição socioeconômica de todos aqueles, que não possuem o monopólio dos meios de produção, sendo eles

que criam as condições para o desenvolvimento da vida social em suas dimensões objetivas e subjetivas (Alves, 2007).

Essa contradição no qual quem produz a riqueza, não se apropria dela totalmente é inerente a dinâmica de acumulação capitalista. Essa mesma dinâmica de acumulação exerce influência sobre as circunstâncias, na qual aqueles que detêm apenas a sua força de trabalho se tornam assalariados ativos ou parte da superpopulação relativa flutuante, latente ou estagnante (Farias, 2015).

Todavia, é importante se ter claro que a posição econômica que o (a) trabalhador(a) assume ou pode vir a assumir no bojo das flutuações cíclicas do processo de acumulação capitalista, não é determinada apenas pelo processo capitalista de produção, mais também pela gestão estatal, pelo viés ideológico e político que regem as decisões governamentais adotadas. Assim, pode-se afirmar que é o Estado quem vai regulamentar/desregulamentar as condições de trabalho, bem como o estabelecimento dos contratos de trabalho e das condições de remuneração (Farias, 2001).

Atualmente a forma de estado neoliberal, tem como um de seus princípios o enxugamento do Estado, e no âmbito dessa dinâmica a desregulamentação dos direitos, que implica na degradação das condições de trabalho e vida do proletariado feminino e masculino, trazendo consigo diversos níveis de precarização (Antunes & Druck, 2015).

Sobre os níveis de precarização do emprego do proletariado feminino, o relatório da Organização Internacional do Trabalho (OIT) "*Perspectivas Sociais e de Emprego no Mundo: Tendências 2018*, no qual se afirmou que as mulheres têm menos chances de entrar no mercado de trabalho formal, e quando entram elas possuem menos chances de possuir um trabalho assalariado, e quando conseguem se tornar trabalhadoras assalariadas, elas ainda sofrem muito mais com os rebatimentos da precarização do emprego, quando comparadas a força de trabalho masculina, o que dificulta o seu acesso a um emprego que lhe proporcione condições dignas de vida (Oit, 2018).

A autora Saffioti em sua obra "A mulher na sociedade de classes" realiza um debate que concorda com as análises do relatório supracitado, ao afirmar que em tempos de crise o gênero - entendido como "(...) relação socio histórica que remete às relações de poder de caráter transversal, atravessando os liames sociais, as práticas, instituições e subjetividades" (Cisne, 2012, p. 105) - opera como fator de seção de mão de obra (Saffioti, 2013).

A defesa da ampliação das garantias legais de permanência e das possibilidades[2] de participação da mulher no mercado de trabalho formal, representaria uma melhoria para a situação da mulher no mercado de trabalho, mas não significaria a destruição de todas as desigualdades, que incidem sobre esse segmento social na sociedade de classes, além disso algumas medidas governamentais por um lado acabam acentuando as diferenças que existem entre as mulheres, outras por outro lado acabam servindo apenas para demonstração de um conjunto de sucessos e derrotas no âmbito econômico (Cisne, 2012).

Por isso, pensar em alternativas para a melhoria do acesso e permanência do proletariado feminino no mercado de trabalho, significa ir além das soluções parciais, que até agora foram pensadas aos problemas atrelados a questão em referência, devendo-se levar em conta a singularidade de sua existência, que traz à tona aspectos que se relacionam ao trabalho, mas não se limitam a ele (Saffioti, 2013).

"(...) Como nem o pleno emprego ou a socialização total dos custos da maternidade, são compatíveis com uma economia sujeita a crises cíclicas de superprodução, e apropriação privada do excedente econômico (...)" (Saffioti, 2013, p.192), a situação do proletariado feminino na economia capitalista gera problemas para esse segmento, que ainda estão longe de serem resolvidos.

V. CONCLUSÃO

A partir do exposto foi possível observar que os rebatimentos das causas da crise são desiguais para homens e mulheres. Vale destacar que as mulheres não gozam das mesmas condições de inserção no mercado de trabalho formal que os homens, uma vez que a maioria delas historicamente precisa ter condições para conciliar o trabalho assalariado com as atividades ligadas à reprodução social - situação que tende a ser mais rara para o homens - e isso gera entraves para a sua inserção no mercado de trabalho formal.

Por outro lado, em relação aos dos dados postos pôde-se perceber que o proletariado feminino enfrentou maiores níveis de desigualdades, em relação à taxa de desocupação, bem como em relação à qualidade dos empregos que eram e ainda são ofertados a esse segmento.

Sendo assim o segmento em referência está a mercê de forma mais intensa a empregos vulneráveis, cujas

[2] Com base na premissa de diminuição das desigualdades entre os sexos (Saffioti, 2013).

relações de trabalho se dão no setor formal e informal da economia, bem como a empregos que não respeitam a legislação trabalhista e, consequentemente não ofertam nenhum tipo de proteção social.

Acrescente-se ainda alguns obstáculos a entrada e permanência do proletariado feminino no mercado de trabalho formal, a saber: a discriminação de gênero, que não surge com a crise, mas que se perpetua durante ela, sendo esse um fator que exerce influência direta em relação às possibilidades de acesso e permanência do proletariado feminino no mercado de trabalho.

Daí a necessidade de se desenvolver ações, que visem trazer mudanças das condições nas quais as mulheres se inserem no mercado de trabalho formal, sendo esse um desafio significativo tanto para a construção de políticas públicas, como para construção de outras relações sociais, com força suficiente para alterar a condição da mulher na atual sociedade de classes.

Por outro lado, é importante se ter claro que a defesa de políticas que tragam melhorias às formas de inserção e permanência no mercado de trabalho do proletariado como um todo, bem como do proletariado feminino, tem a sua importância no arrefecimento das expressões da questão social que atingem o sujeito dessa pesquisa.

Contudo a defesa da promoção de instituições e políticas que promovam o bem-estar social, implicariam na realização de mediações estatais, que por sua vez abriria espaço para o desenvolvimento de diversas formas de contradições sociais, bem como de crises cíclicas que perpetuariam os problemas enfrentados pelo proletariado feminino. Nesse sentido, é sempre bom ter em vista a defesa da superação do Modo de Produção Capitalista.

REFERÊNCIAS

[1] Jadir, A. (2002). *As determinações das crises do capital na concepção de Karl Marx* [Dissertação de mestrado, Universidade Estadual de Campinas.]. https://bv.fapesp.br/pt/publicacao/4138/as-determinacoes-das-crises-do-capital-na-concepcao-de-karl/

[2] Alves, G. (2007). *Dimensões da reestruturação produtiva: ensaios da sociologia do trabalho* (2ª ed.). Práxis.

[3] Batista, F. R. (2018). O mundo do trabalho e a crise estrutural do capital. *Direito & Praxis*, *9*(3), 1655–1676. https://www.scielo.br/j/rdp/a/9hHzjqJ9hDQxJ5vS4y8Kbbs/abstract/?lang=pt

[4] Cisne, M. (2012). *Gênero, Divisão Sexual do Trabalho e Serviço Social*. (1° ed.) .Outras expressões.

[5] Creswell, J. W. (2007). *Projeto de pesquisa: métodos qualitativos, quantitativos e mistos*. Artmed.

[6] Farias, F. B. (2001). *O Estado Capitalista Contemporâneo: para a crítica das visões regulacionistas*. Cortez.

[7] Farias, F. B. (2015). *Crise Global: ampulheta fatal*. Xamã.

[8] IBGE/PNADC. (2016). *Medidas de subutilização da força de trabalho no Brasil. Enfoque regional, 3° trimestre de 2016.* Ibge. ftp://ftp.ibge.gov.br/Trabalho_e_Rendimento/Pesquisa_Nacional_por_Amostra_de_DomicilioD_continua/Trimestral/Novos_Indicadores_Sobre_a_Forca_de_Trabalho/pnadc_201201_201620_trimestre_novos_indicadores.pdf

[9] IPEA (2015). *Retrato das Desigualdades de Gênero e Raça*. http://www.ipea.gov.br/retrato/indicadores_mercado_trabalho.html.

[10] Lakatos, E. M. & Marconi, M. A (2010). *Fundamentos de metodologia científica*. Atlas.

[11] Kosik, K (1976). *Dialética do concreto. (*2° ed). Paz e Terra.

[12] Marx, K (2017). *O Capital: crítica da economia política: livro terceiro: o processo global da produção capitalista*. (1° ed). Boitempo.

[13] OIT. (2018). *Perspectivas Sociales y del Empleo en el Mundo: Avance global sobre las tendencias del empleo femenino*. Oit. https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---dgreports/---dcomm/---publ/documents/publication/wcms_619603.pdf.

[14] Sabadini, M. S (2011). Trabalho e especulação financeira: uma relação (im)perfeita. Rev. *Temporalis***,** 11(22), 241-269.

[15] Saffioti, H. I. B (2013). *A mulher na sociedade de classes.* (3° ed). Expressão Popular.